

Infidelidade masculina e violência sexual: sentimentos das mulheres que as vivenciaram

Male infidelity and sexual violence: feelings of women who experienced

Raquel Santos Brito¹; Pacífica Pinheiro Cavalcanti²

Resumo: Objetivou-se apresentar os sentimentos das mulheres que vivenciaram a infidelidade masculina e a violência sexual. Pesquisa descritiva exploratória com abordagem qualitativa. Realizou-se a coleta de dados no período de abril a julho de 2011, com amostra de 100 mulheres de três Unidades de Saúde da Família do município de Sinop - MT. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso (N. 009/2011). Utilizou-se um formulário semiestruturado, sendo os depoimentos apresentados através de codinomes de flores e categorizados por meio da análise temática. Os resultados demonstram que das 100 mulheres entrevistadas 44% afirmaram que já foram traídas pelo companheiro e 16% delas referiram já terem sofrido algum tipo de violência sexual. Fato que merece destaque é que 11 mulheres das acima citadas afirmam que, além de serem traídas, sofreram violência sexual. Contudo, resultou-se nas seguintes categorias: 'Infidelidade masculina sob a ótica das mulheres traídas'; 'Sentimentos relacionados à violência sexual vivenciada' e 'Efeitos da infidelidade masculina associada à violência sexual'. A violência sexual e a infidelidade conjugal podem influenciar diretamente nos aspectos psicossociais da mulher, podendo causar baixa autoestima, desilusão, tristeza, magoa, falta de confiança e até acarretar 'cicatrizes emocionais' que poderão dificultar futuras relações sexuais e o relacionamento conjugal como um todo.

Palavras-chave: Violência sexual; Sexualidade; Relacionamento.

Abstract: The objective was to present the feelings of women who experienced male infidelity and sexual violence. Descriptive exploratory research with qualitative approach. Held data collection from April to July 2011, with a sample of 100 women from three Health Units of the Family of the city of Sinop - MT. The project was approved by the Research Ethics Committee of the State University of Mato Grosso (N. 009/2011). We used a semi-structured form and the testimony were presented through code names of flowers and categorized by thematic analysis. The results show that of the 100 women interviewed 44 % said they have been betrayed by their partners and 16% of them reported to have suffered some kind of sexual violence. Fact worth mentioning is that 11 of the women mentioned above claim that, in addition of being betrayed, suffered sexual violence. However, it resulted in the following categories: 'Male infidelity from the perspective of the betrayed women'; 'Feelings related to experienced sexual violence' and 'Effects of male infidelity associated with sexual violence'. Sexual violence and marital infidelity can directly influence the psychosocial aspects of women and can cause low self-esteem, disappointment, sadness, hurt, lack of confidence and even lead to 'emotional scars' that may hinder future sex and marital relationship as a whole.

Keywords: Sexual violence; Sexuality; Relationship.

INTRODUÇÃO

A infidelidade e agressões, principalmente sexuais, têm se caracterizado como forma de dominação masculina que se configura e mantém porque algumas mulheres ainda estão confinadas ao espaço doméstico, não visualizando alternativa para sair dessa situação. É fato que socialmente, existe um duplo padrão de moralidade e normas para a (in)fideliidade, no qual os homens podem trair ou agredir, mas suas mulheres não. Baseado nessas concepções é que parece residir a aceitação ou resignação (TRINDADE et al., 2008). Tal aceitação, ou até com a não ocorrência da situação em outra ocasião, pode acarretar lembranças indesejáveis e a situação é mais grave quando a mulher já sofreu violência sexual e foi traída.

A importância do binômio fidelidade - infidelidade

justifica-se por que a infidelidade é um fenômeno que perpassa a vida de muitos casais e famílias, implicando prejuízos e sofrimentos para eles, assim como desafios para os terapeutas. Contudo, não é necessário estar envolvido em um casamento para experimentar a infidelidade. Todos os tipos de relacionamento estão sujeitos a essa nefasta influência (ALMEIDA, 2007). A infidelidade pode levar a muitas manifestações diferentes, além de poder prejudicar inúmeros relacionamentos amorosos (ALMEIDA, 2012).

No que diz respeito à violência sexual, caracteriza-se por ser uma ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, chantagem, suborno, manipulação, ameaça com qualquer outro mecanismo que anule a vontade pessoal.

¹Docente da Faculdade de Sinop, Curso de pós-graduação em Saúde Coletiva. Sinop, MT, Brasil. E-mail: raquelbrito.enf@hotmail.com

²Docente da Universidade Federal do Mato Grosso, Curso de Enfermagem. Sinop, MT, Brasil. E-mail: pacificapinheiro@gmail.com

Manifesta-se com expressões verbais ou corporais que não são do agrado da pessoa, toques e carícias não desejados, exibicionismo e voyeurismo, prostituição forçada, participação forçada em pornografia e até relações forçadas (BRASIL, 2010).

O impacto da violência sexual são os traumas físicos das Doenças Sexualmente Transmissíveis, da gravidez indesejada, agregando danos psicológicos que produzem efeitos severos e muitas vezes irreparáveis para a saúde mental, sexual e até mesmo para a reinserção social da vítima (FARIA et al., 2008). Quando ocorre no relacionamento estável, geralmente a mulher aceita a violência sexual porque considera ser uma obrigação sua atender a satisfação sexual do seu cônjuge (MARQUES; PEREIRA, 2011).

A abordagem da infidelidade masculina e da violência, a partir de uma perspectiva das mulheres que a vivenciaram, pode se tornar uma área de estudo bastante promissora, pois se pode identificar a problemática e as limitações vividas por elas. Observa-se a quase inexistência de estudos sobre infidelidade mostrando a importância e relevância para os estudos de gênero, uma vez que este é pouco explorado. Além disso, as pesquisas sobre infidelidade e a violência são importantes por contribuírem para que os profissionais da área da saúde possam compreender melhor as vivências individuais das pessoas de quem cuidam e convivem profissionalmente (TRINDADE et al., 2008), tendo em vista que a temática geralmente é referida pelos enfermeiros e por outros profissionais da saúde apenas quando se abordam os métodos contraceptivos, deixando sem devida abordagem o aspecto psicológico, caso não seja uma queixa espontânea.

Por estas razões o presente estudo tem como objetivo apresentar os sentimentos das mulheres que vivenciaram a infidelidade masculina e a violência sexual. Assim, este artigo apresenta a experiência de mulheres na relação vivida com o seu parceiro atual ou anterior, fato que pode contribuir para que os profissionais da área da saúde abordem a questão de forma humanizada.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa descritiva exploratória com abordagem qualitativa, parte de um projeto maior intitulado 'O perfil da vida sexual e reprodutiva de mulheres atendidas na Estratégia de Saúde da Família de Sinop - MT', aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Mato Grosso com protocolo número 009/2011.

A pesquisa respeitou os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, garantido o anonimato das participantes e a possibilidade de desistência desta em qualquer momento, sem nenhum prejuízo (BRASIL, 1996).

Foi desenvolvida no município de Sinop - MT, com coleta de dados realizada no período de abril a julho de

2011 em três Unidades de Saúde da Família (USF): Boa Esperança, Jardim Botânico e Dr. Carlos Scholtão.

Os locais onde ocorreram as coletas de dados foram escolhidos por apresentarem um maior número de exames preventivos e, conseqüentemente, de consultas ginecológicas realizados em anos anteriores (SINOP, 2010). Embora os sujeitos do estudo tenham sido 100 mulheres, dar-se-á evidência somente aos relatos de 49 mulheres, uma vez que estas declararam ter sofrido algum tipo de violência sexual e/ou infidelidade masculina.

A pesquisa foi realizada por demanda espontânea, desde que as pesquisadas se enquadrassem nos seguintes critérios de inclusão: ter vida sexual ativa, possuir idade mínima de 18 anos, concordar em participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Assim, foram excluídas as mulheres que apresentavam transtornos mentais, percebíveis ou já diagnosticados.

A participação foi voluntária e as entrevistas realizadas em ambiente privativo, nas dependências das USF, com uma mulher por vez. Para garantir a exatidão dos depoimentos, as conversas foram transcritas no momento e depois de confirmada a resposta com a participante; somente após isto se dava continuidade à entrevista, com a temática seguinte. Para que a identidade das participantes fosse preservada, atribuiu-se a elas codinomes de flores.

Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado tendo duas questões norteadoras para o estudo:

Sofreu algum tipo de violência sexual (beijos, toques, carícias indesejáveis ou até o estupro)? Em caso afirmativo, de que tipo, qual sua idade na ocasião e qual o seu sentimento com relação ao ocorrido?

Já foi traída pelo companheiro? Se sim, qual o seu sentimento com relação à traição e o que isso influenciou em sua vida sentimental?

As entrevistas foram analisadas por meio da técnica de análise temática de dados qualitativos, a qual consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. Deste modo, elegeu-se tal técnica devido ao fato de que na análise de significados a presença de determinados temas denotou estrutura de relevância (MINAYO, 2010).

Ao final, emergiram três categorias dos discursos que representam os sentimentos das participantes: 'Infidelidade masculina sob a ótica das mulheres traídas', 'Sentimentos relacionados à violência sexual vivenciada' e 'Efeitos da infidelidade masculina associada com a violência sexual'.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo demonstraram que na amostra de 100 mulheres, 49% declararam ter sofrido algum tipo de violência sexual e/ou infidelidade masculina e 51% referiram não ter vivenciado tais situações. Desta

mesma amostra, 44% afirmaram que já foram traídas pelo companheiro em algum momento da vida, seja por um namorado ou conjugue, e 16% delas referiram já ter sofrido algum tipo de violência sexual. Um fato que merece destaque é que 11 destas 44 mulheres afirmaram que, além de serem traídas, sofreram violência sexual.

Das 49 mulheres que foram traídas e/ou sofreram violência sexual, a idade variou entre 18 e 67 anos e quanto ao estado civil, 26,5% declararam-se solteiras, 4% viúvas, 32,6% casadas e 36,7% amasiadas.

- **Infidelidade masculina sob a ótica das mulheres traídas**

De modo geral, é preciso haver um motivo para trair, podendo ser desentendimentos ou a monotonia na relação a dois. Outro aspecto a ser considerado é a atração que a maioria dos homens tem por mulheres mais jovens, a denominada ‘tentação’. A busca por novas emoções leva à tentação pelo novo, pois mesmo existindo uma vida conjugal satisfatória, o desejo de conhecer outras mulheres pode motivar o homem a procurar experiências (PINHEIRO et al., 2012).

Quando há a certeza da infidelidade, o sentimento que aparece pode ser de raiva, de depressão, de desespero, mas não é maior do que o ciúme, sendo que este, às vezes, pode aparecer simultaneamente a estas manifestações (ALMEIDA et al., 2008). Vale ressaltar que o ciúme romântico está condicionado à ameaça, ainda que virtual ou mesmo remota, da infidelidade do parceiro. Portanto, devido ao ciúme, as pessoas podem ser, de fato, responsáveis pela aproximação ou mesmo pelo afastamento dos parceiros amorosos (ALMEIDA, 2012).

Assim, quando questionadas se já foram traídas, qual o sentimento com relação à traição e o que isso influenciou na vida sentimental, as mulheres demonstraram, com clareza, a influência que a infidelidade acarretou à vida sentimental, como nota-se nas declarações abaixo:

Eu não amava ele, mas o que doeu foi que era com minha empregada e na minha cama, hoje não confio mais em homem. (Copo-de-leite)

Um sentimento de dor profunda, como se fosse inferior, feia, isso me quebrou a credibilidade de confiar no ser homem. (Dália vermelha)

Eu não confio mais em ninguém, por que tenho medo de ser traída novamente. (Girassol)

Eu não consigo esquecer, isso me revoltou muito e não confio nele como antes. (Lírio)

É evidente nos relatos que a infidelidade masculina pode acarretar nas mulheres traídas sentimentos como o de inferioridade, de medo, de raiva e o ciúme que, consequentemente, leva à desconfiança.

Entende-se que a partir da infidelidade consumada, os ciumentos costumam presumir novamente quadros de infidelidade amorosa e, a partir disso, passa a se ge-

neralizar a expectativa de infidelidade. O ciúme deste tipo é alimentado pela crença de que os parceiros pas-sam a ser traidores em potencial e, dessa forma, começa o processo de vigilância constante e o surgimento de conflitos. Esse ciúme pode representar um sentimento que produz angústia em muitos parceiros e pode abalar a saúde mental (ALMEIDA et al., 2008).

Em uma pesquisa abordando a infidelidade masculina, realizada em Maceió, com 14 mulheres, foram feitas queixas acerca do ressentimento destas pela atitude do parceiro que as trai, e estas se veem, muitas vezes, impossibilitadas de reagir e modificar a situação (TRIN-DADE et al., 2008).

Também foi levada em consideração a possibilidade da infidelidade ser uma potencializadora para a transmissão das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e a esse respeito verificou-se:

Ele colocou doença venérea em mim, eu bati nele e por isso tenho nojo dele. (Flor de Pessegueiro)

A infidelidade pode elevar a vulnerabilidade ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) na família. Consta-ta-se que a infidelidade contribui para o sexo desprotegi-do e, por conseguinte, para o aumento da vulnerabilida-de (PINHEIRO et al., 2012). Fato que merece destaque é que para algumas pessoas a fidelidade e a confiança podem ser colocadas como determinantes para o uso do preservativo, assim o não saber da infidelidade pode ser um agravante para a transmissão das DSTs.

Contudo, mesmo passando pela infidelidade por parte do marido, ainda existem mulheres que permanecem no relacionamento:

Eu só não entrei em depressão porque fui para a igreja, e meu Deus pode tudo [...] não confio mais em homem [...] ele voltou e eu aceitei, mas nunca sou a mesma, não o amo mais! Mesmo juntos! (Rosa Azul)

Em alguns casos, pode ser que para estas mulheres, muitas vezes, a separação não é cogitada como opção, sobretudo se tal arranjo for interessante para sua vida social, se satisfizer a família ou se propiciar vantagens profissionais ou econômicas. Uma eventual separação pode implicar elevados custos, materiais e psicológi-cos, de tal forma que pode ser mais conveniente a per-manência no relacionamento infiel, tentando buscar se-gurança e estabilidade emocional, e com isso preencher a insatisfação afetivo-sexual (ALMEIDA, 2012).

Além desse aspecto, quatro das entrevistadas refe-riram ter conseguido superar a infidelidade, como por exemplo:

Eu separei dele e esqueci, hoje estou feliz com outro. (Cravo Roxo)

Como ele bebia, nos não tínhamos um relacionamento bom, por isso não me influenciou em nada. (Cravo Vermelho)

A esse respeito existem estudos retratando que a existência de infidelidade marital e sua gravidade nas relações de casal são potencializadas por idosos, por pessoas mais religiosas e com posicionamento políti-

co mais conservador fazendo julgamentos mais severos (VEIGAS; MOREIRA, 2013). Essas posições podem induzir ao não esquecimento do ocorrido.

Ressalta-se que a fidelidade, na forma como ela é construída por homens, classifica de maneira bastante peculiar as relações sexuais com outras mulheres e com a própria esposa. Para alguns deles, as relações sexuais fora de casa são classificadas como ‘aventuras’ que não devem interferir no casamento, assim como os homens casados não devem trocar a esposa por ‘amantes’. Atitudes contrárias é que são consideradas como atitudes infiéis (SILVA, 2002).

- **Sentimentos relacionados à violência sexual vivenciada**

A violência sexual é pouco denunciada, dificultando o registro estatístico e a pesquisa nesta área, e pode levar a severos danos à saúde mental, como a ansiedade, a depressão e até o suicídio (SOUZA; ADESSE, 2005).

Diante das entrevistadas, as mulheres tiveram a oportunidade de expressar suas experiências e sentimentos e também descreveram o tipo de violência sexual, os sentimentos com relação ao ocorrido e a sua influência sobre a vida sexual, conforme se verifica nas declarações abaixo:

Abuso sexual mesmo. Eu tinha 7 anos de idade [...] Foi como se eu tivesse perdido a infância [...] e na vida adulta eu não queria ter relação e lembrava dele me ameaçando [...] ele era um cunhado da minha mãe, nossa menina, foi terrível! Com 12 anos outra pessoa tentou abusar de mim e de nojo até tentei suicídio e até hoje dói quando penso. (Copo-de-leite)
Toques e carícias indesejáveis. Foi com o padrasto da minha mãe e fiz terapia várias vezes para esquecer. (Dália Rosa).
Um tio tocava em minhas partes íntimas, eu tinha 10 anos e possuo nojo dele [...]. Eu morava na casa dele, pois não tenho pai e nem mãe [...] aí contei e sai de lá e passei a trabalhar e morar na casa dos outros. (Margarida)

As declarações deixam claro que as mulheres sentiam-se inferiores, com medo de que a violência sexual ocorresse novamente e acabaram perdendo a confiança referente aos parceiros.

E essa ocorrência de violência sexual em crianças é frequente, como se verificou em uma pesquisa realizada na região do Triângulo Mineiro, em 2008 e 2009, onde dos 26 municípios investigados, houve relato de ocorrência de abuso e exploração sexual infanto-juvenil em 21 municípios (80,8%). Importante mencionar que a maioria das vítimas era do sexo feminino (83,2%), sendo mais frequentes as crianças e os adolescentes, da faixa etária entre 13 e 17 anos de idade (51,0%) e tendo como o seio familiar como *locus* mais comum destes casos de violência (68,6%) (IWAMOTO et al., 2010).

Durante a coleta de dados também verificou-se em cinco das entrevistadas que a violência sexual foi proveniente da parte do parceiro, como presente nestes depoimentos:

Estupro. Com meu ex-marido. Quando eu não queria, ele me batia, e isso acontecia quando ele bebia, mas não deixou marcas. (Cravo Vermelho)

Estupro. Com meu ex-namorado. Eu tinha terminado e ele não entendia, arrombou a porta da minha casa, tampou a minha boca e me ameaçava. (Dente de Leão)

Sexo mesmo. Por meu marido. Se eu não der ele ameaça de mim [sic] matar. (Flor de Pessegueiro)

Alguns homens podem pensar que a parceira é obrigada a manter relação sexual no momento em que desejam, mas isso é uma situação desconfortável para elas. Deste modo, estas devem ter em mente que possuem o direito de ter relação sexual apenas quando desejarem e com quem escolherem, que se forem forçadas configura-se em um crime, onde denunciar é essencial para evitar possíveis reincidências.

Entretanto, a questão da violência sexual não deve apenas ser olhada pelo prisma jurídico, mas ser abordada, também, por outros focos relacionados ao bem-estar físico e mental da mulher agredida (MARQUES; PEREIRA, 2011).

Diante do exposto, os enfermeiros e demais profissionais da área da saúde devem ficar atentos para alguns sinais de alerta que podem indicar um caso de violência sexual como, por exemplo, infecções sexualmente transmitidas, prurido ou sangramento vaginal, evacuação dolorosa ou dor ao urinar, problemas sexuais e perda de prazer na relação, vaginismo (espasmos musculares nas paredes vaginais durante relação sexual), ansiedade, depressão, comportamento autodestrutivo ou recusa em fazer exames pélvicos (BRASIL, 2010), pois com base nestes sinais será possível oferecer atendimento adequado e recente, após o ocorrido, evitando danos psicológicos maiores.

- **Efeitos da infidelidade masculina associada à violência sexual**

No Brasil, entre os direitos sexuais e reprodutivos tem-se o direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência e imposições, com respeito pleno pelo corpo do(a) parceiro(a), bem como o direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual e o direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças (BRASIL, 2009). Entretanto, esse direito não é exercido por todas as mulheres e isso pode deixar marcar profundas, o que fica evidente quando uma das participantes mostra as marcar que a infidelidade masculina associada e a violência sexual podem deixar:

Estrupo. Meu ex-marido. Após terminar ele me agarrava à força e fazia relação com migo [sic] do jeito que ele queria, eu chorava mais [sic] ele me agarrava. Hoje tenho muito nojo dele e quase não tenho relação com ninguém por medo de acontecer de novo [...]. Depois da traição e do abuso não consigo confiar em mais ninguém. Tenho medo! (Gérbera)

Torna-se imprescindível a formulação e a imple-

mentação de serviços sociais voltados para orientação, apoio e proteção de mulheres vitimizadas. Cabe também alertar para a necessidade de formação especializada dos profissionais, de forma a possibilitar o desenvolvimento de práticas humanizadas. Somente assim essas e outras mulheres que passaram pela mesma situação poderão conquistar o direito de serem felizes (TAVARES, 2010). Embora não seja possível avaliar completamente o impacto da violência sexual no sofrimento psíquico, é possível inferir que muitas delas necessitarão de apoio em saúde mental, e que sem o acompanhamento oferecido, poderão desenvolver sequelas de longa duração (FACURI et al., 2013), uma vez que a violência sexual está associada à infidelidade conjugal, ou seja, tem-se aí dois fatores marcantes.

Salienta-se, ainda, que a inter-relação do enfermeiro ou de outro profissional da saúde com a vítima pode ter influência positiva se houver uma assistência humanizada ou negativa, se a relação for discriminatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência sexual e a infidelidade conjugal podem influenciar diretamente nos aspectos psicossociais da mulher, podendo causar baixa autoestima, desilusão, tristeza, magoa, falta de confiança e até acarretar ‘cicatrizes emocionais’ que poderão dificultar futuras relações sexuais e o relacionamento conjugal como um todo.

Os resultados também demonstraram que a infidelidade pode levar à transmissão de Doenças Sexualmente Transmissíveis e que algumas mulheres tentam e conseguem superar a infidelidade por parte do parceiro, porém há aquelas que não conseguem e por algum motivo mantêm a relação mesmo na ausência do amor.

No que se refere à violência sexual, grande parte dela ocorreu na infância, com um amigo ou familiar, ou até mesmo o conjugue, o que acabou acarretando medo nas mulheres que vivenciaram a situação e algumas até o momento da pesquisa chegaram a apresentar nojo do agressor.

Contudo, estes resultados indicam a necessidade de buscar estratégias para dar maior visibilidade a violência sexual e a infidelidade masculina, acompanhando os casos não apenas pelo que mereça atenção no aspecto fisiopatológico, mas dando ênfase às marcas psicológicas. Outro fator importante é o de despertar, nos enfermeiros e demais profissionais, a urgência de desenvolver ações para o enfrentamento da problemática não só durante as consultas, como também no desenvolvimento de atividades grupais, como, por exemplo, os grupos terapêuticos, tornando-se importante a atuação de uma equipe multiprofissional em ações educativas,

Além disso, durante uma consulta ou atividade coletiva podem ser transmitidos à sociedade conhecimentos relacionados ao perfil dos praticantes de violência sexual, bem como aspectos sobre como lidar com a

sexualidade de forma plena, evitando estas situações e proporcionando mais qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. **Pensando fam.** v. 11, n. 2, p. 49-56, dez., 2007.
- ALMEIDA, T. O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? **Estud. psicol. (Campinas)**, v.29, n. 4, p. 489-498. Campinas, Dec. 2012.
- ALMEIDA, T.; RODRIGUES, K. R. B.; SILVA, A. A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estudos de Psicologia**. v. 13, n. 1, p. 83-90, 2008.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde. Comissão Nacional de Ética em pesquisa. **Resolução Nº 196/96 – Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- FACURI, C. O. et al. Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. v. 29, n. 5, p. 889-898, Rio de Janeiro, 2013.
- FARIA, A. L.; ARAÚJO, C. A. A.; BAPTISTA, V. H. Assistência à vítima de violência sexual: a experiência da Universidade de Taubaté. **Revista Eletrônica de Enfermagem** v. 10, n. 4, p. 1138-1143. Goiânia, 2008.
- IWAMOTO, H. H. et al. A. A violência sexual infanto-juvenil sob a ótica dos informantes-chave. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 12, n. 4, p. 647-654, Goiânia, 2010.
- MADALOZZO, R. An analysis of income differentials by marital status. **Est. Econ.** v. 38, n. 2, p. 267-292, abr.-jun. 2008, São Paulo.
- MARQUES, D. M.; PEREIRA, A. L. Assistência pausada nos direitos sexuais e reprodutivos: uma condição para promover a saúde da mulher. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 13, n. 3, p. 449-455. jul./dez. 2011, Goiânia.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 edição. São Paulo: Hucitec, 2010.
- PINHEIRO, P. N. C. et al. Relação entre infidelidade e infecção ao HIV/AIDS na visão de homens heteros-

sexuais. **Ciencia y Enfermeria**. v. 18, n. 3, p. 39-48, 2012.

SILVA, C. G. M. O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da AIDS entre homens casados. **Revista de Saúde Pública**. v. 36, suplemento 4, p. 40-49, São Paulo, 2002.

SINOP. Secretaria Municipal de Saúde. **Consolidado das Famílias Cadastradas no ano de 2010**. Sinop, 2010.

SOUZA, C. M.; ADESSE, L. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Violência sexual no Brasil: perspectivas e desafios**. Brasília, 2005.

TAVARES, M. S. Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE. **Serviço Social e Sociedade**. n. 101, São Paulo, 2010.

TRINDADE, R. F. C.; ALMEIDA, A. M.; ROZENDO, C. A. Infidelidade masculina e violência doméstica: vivência de um grupo de mulheres. **Ciencia y Enfermeria**. v. 14, n. 2, p. 39-46, 2008.

VIEGAS, T.; MOREIRA, J. M. Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. **Estudos de Psicologia**. v. 18, n. 3, p. 411-418. jul./set., 2013.